

ASPECTOS DA CADEIA PRODUTIVA DA MANDIOCA EM FEIRA DE SANTANA NO DISTRITO DE MARIA QUITÉRIA (POVOADOS DE LAGOA GRANDE E OLHOS D'ÁGUA DAS MOÇAS)

*Florentino Carvalho Pinto**

RESUMO — *Este artigo discute as circunstâncias em que se dá a cadeia produtiva da mandioca, em especial, no município de Feira de Santana-Bahia, no distrito de Maria Quitéria. Por meio de uma pesquisa, busca-se revelar traços que caracterizam como o produtor rural percebe a cultura da mandioca: para o consumo e/ou sua comercialização, e como a desorganização setorial gera uma má produtividade. Apresentam-se, também, os aspectos da cadeia produtiva da mandioca, a caracterização do mercado mandioqueiro feirense e, posteriormente, analisam-se os dados da pesquisa que foi realizada nos povoados de Lagoa Grande e Olhos D'água das Moças, no distrito supracitado e, por fim, uma breve discussão das informações apontadas neste estudo, no intuito de comprovar a importância da cultura da mandioca na sustentabilidade das populações rurais, melhorando a qualidade de vida do produtor.*

PALAVRAS-CHAVE: *Cadeia produtiva da mandioca. Produtor rural. Desorganização setorial.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho mostra aspectos importantes da cadeia produtiva da mandioca em Feira de Santana. Para isso foi inicialmente inserida no contexto informações relativas ao comportamento da produção e transformação que vem ocorrendo em

*Prof. Titular (DCIS/UEFS). Mestre em Administração.
E-mail: pinto.in@uol.com.br

Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Ciências Sociais Aplicadas (DCIS). Tel./Fax (75) 3224-8134 - Av. Transnordestina, S/N, Módulo III - Novo Horizonte - Feira de Santana/BA – CEP 44036-900. E-mail: dcis_uefs@yahoo.com.br

alguns países e no Brasil. Após esta análise, procura-se mostrar como estão funcionando as relações de produção e distribuição da mandioca em Feira de Santana, sendo tomada como base uma pesquisa primária realizada em dois povoados de Maria Quitéria (Lagoa Grande e Olhos D'água das Moças). A pesquisa mostra traços importantes da desorganização setorial e como o produtor rural enxerga a atividade mandioqueira para seu consumo ou para comercialização.

O resultado deste trabalho, ainda que parcial, abre perspectiva para futuros estudos mais aprofundados, isto devido à importância que tem a cultura da mandioca, que é uma fonte importante de trabalho e renda para as populações rurais.

1 OS ASPECTOS DA CADEIA PRODUTIVA DA MANDIOCA

A mandioca é uma planta nativa do Brasil e cultivada praticamente em todo o território nacional. Essa cultura já era desenvolvida pelos indígenas que habitavam a América do Sul, expandindo-se para a América Central, Antilhas e outras regiões do planeta de clima tropical e subtropical, principalmente, para Java, Filipinas, Ceilão, Tailândia, grande parte da África e Madagascar.

A mandioca constitui uma das principais fontes de carboidratos dos trópicos e, para o semi-árido, sua importância é vital. Essa região envolve 10 estados brasileiros do Nordeste e parte de Minas Gerais, vivendo uma população próxima a 42,4 milhões de habitantes. Segundo a COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO - CONAB (2002), a produção de mandioca no Brasil foi de 22,6 milhões de toneladas, ocupando uma área plantada de 1,7 milhões de hectares, com um rendimento médio de 13,3 toneladas de raízes por hectare, sendo os principais estados produtores: Pará, com 17,9%, a Bahia, 16,7%, Paraná, 14,5%, Rio Grande do Sul, 5,6% e Amazonas, com 4,3% que, somados, representam 59,0% da oferta brasileira de raízes de mandioca.

Regionalmente, a produção de mandioca é distribuída da seguinte forma: Região Nordeste participa da produção nacional com 34,7%, com rendimento médio de 10,6 ton/ha; Região Norte, com 25,9%, com rendimento médio de 17,6 ton/ha; Sul,

com 27,8% e rendimento médio de 19,0 ton/ha; Sudeste, com 11% com rendimento médio de 17,0 ton/ha; e Centro-Oeste, com 6,2% e rendimento médio de 14,0 ton/ha.

Mesmo com a grande importância econômica e social, a mandioca é produzida na Região Nordeste quase que exclusivamente em pequenas propriedades, que hoje já totalizam 300 mil hectares. A mandioca tem ainda um papel importante para geração de emprego e renda, principalmente, nas regiões mais pobres do Nordeste. Segundo a EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA (2000), considerando a fase de produção primária, processamento da farinha e fécula, estima-se que é gerado, no Brasil, mais de um milhão de empregos diretos, uma receita bruta anual por volta de 2,5 bilhões de dólares e uma contribuição tributária de 150 milhões de dólares.

No estudo do perfil regional, as regiões Norte e Nordeste são as maiores produtoras e consumidoras, sendo que uma grande parcela da produção de raízes é destinada à dieta alimentar na forma de farinha e de poucos derivados. Os estudos realizados pela EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA (2000), apontam para o consumo *per capita* mundial de produtos derivados da mandioca em torno de 17,4 kg/hab/ano, enquanto o Brasil consome em média 51,0 kg/hab/ano.

Atualmente, é uma tendência mundial das empresas e organizações governamentais buscar novas formas alternativas de energia, alimentação e insumos, e a mandioca se insere em uma ou em todas essas alternativas devido ao seu múltiplo uso e aproveitamento.

Tradicionalmente, a mandioca é cultivada para a produção de raízes (biomassa) destinadas ao consumo humano e de animais. As raízes são insumos demandados pelas indústrias processadoras da biomassa, sendo a fécula um dos produtos que mais se destacam na cadeia produtiva. Isso se deve particularmente às perspectivas apresentadas nesses últimos dez anos, porque esse produto vem sendo usado como matéria-prima para diversas atividades industriais, destacando-se os setores químico, alimentar, têxtil, papel e papelão.

Por outro lado, a fécula tem ganhado destaque no cenário da indústria de alimentos, porque quando fermentada, é usada na produção de polvilho, ao passo que a fécula comum entra na composição da alimentação para recém-nascidos, produção de álcool, acetona, cola, fermento químico e tapioca. No entanto, a fécula modificada é utilizada para a produção de dextrina, pré-gelatinoso, glucoses, adoçante sorbitol, vitamina C e plásticos biodegradáveis, etc. Além destes produtos, a biomassa pode ser aproveitada para a produção de farinha de raspas e de mesa, o polvilho doce ou azedo destinado à fabricação de biscoitos e confeitos, amido, bolos, beiju, pudins, biscoitos etc. Independentemente dessas utilidades da biomassa, a parte aérea, ou seja, as ramas e as folhas podem ser aproveitadas em vários cortes para produção de forragem destinada ao consumo dos animais, assim como as raízes, que podem ser consumidas sob a forma de farelo desidratado ou triturado.

Com o novo cenário da economia mundial, a demanda por novos insumos e produtos finais tem tido um incremento respeitável, principalmente, nos países de economias maduras. Essa expansão tem maior ascendência nos Estados Unidos e União Européia, que juntos formam o maior mercado mundial. Ora, para atender à expansão do mercado de derivados da mandioca, países como Tailândia, Nigéria e Indonésia, segundo a FAO (2000), têm avançado em nível da oferta e buscado novos parceiros comerciais.

Verifica-se que a partir dos anos 1990, a Tailândia tem despontado como o maior exportador de derivados da mandioca, chegando a participar com 87% do comércio realizado com a União Européia, juntando esse país com a Indonésia, ambos atendem quase totalmente a demanda mundial. Observa-se que esses países estão avançando na modernização dos tratamentos culturais e saindo rapidamente da produção de subsistência para a de larga escala, com considerável índice de produtividade média em torno de 24,5 ton/ha. O Brasil tem apresentado pouca relevância de crescimento do setor nos últimos 10 anos, tanto em produção quanto em produtividade e em área plantada. Isso ocorre devido, dentre outros fatores, à tradição de

encarar a cultura da mandioca como uma lavoura de subsistência, uso de mão-de-obra desqualificada, descapitalização dos produtores rurais, baixo uso de tecnologia, desorganização do setor e das práticas de ineficientes políticas governamentais. Todavia, o que constrange mais ainda o setor são os desequilíbrios sazonais e de mercado. Nota-se que o Brasil tem pouca significância no cenário mundial da comercialização, representando apenas 1% da produção nacional destinada à exportação.

Enquanto os países como Nigéria, Tailândia, Índia, Indonésia, Congo, etc. têm avançado na última década em expansão da produção e área plantada, o Brasil, nesse particular, tem se mantido reticente e crescido pouco em produtividade média, que fica em torno de 13,4 toneladas por hectare plantado, participando com aproximadamente 13,8% da produção mundial, correspondendo a 24,3 milhões de toneladas.

2 MERCADO DA MANDIOCA – CARACTERÍSTICAS

A mandioca é um dos principais alimentos energéticos demandado por um mercado de 500 milhões de pessoas em mais de 80 países, sobretudo, naqueles em desenvolvimento, onde é cultivada em pequenas áreas com baixo nível tecnológico e organização empresarial.

O mercado consumidor está organizado em função da estrutura produtiva que opera sob três condicionantes básicos. O primeiro é a produção em pequena escala com objetivo de consumo imediato e doméstico, tipicamente caracterizado como de subsistência, não tem expressão como atividade comercial, com métodos de produção arcaicos e não usa nenhum processo inovador. O segundo condicionante é a produção familiar, que utiliza uma pequena parcela de tecnologia tanto na produção, quanto na transformação, surgindo maior valor agregado final. E, o último, é o que envolve a produção mais organizada sob a forma empresarial, neste se destacando os agronegócios, que agregam mais valor ao insumo da mandioca.

Os três tipos de exploração da mandioca levam em consideração as relações do uso intensivo do trabalho, com menor

fração de capital, na forma de tecnologia e inserida mais na transformação do que em sua expansão agregadora. O Brasil, mesmo com sua desorganização setorial, vem buscando ingressar nesse mercado bastante competitivo, alavancado pelas demandas mundiais e pela diversificação da oferta de derivados da mandioca.

Percebe-se que todo o processo de transformação depende de um único insumo: as raízes que, por seu turno, geram a biomassa comum, derivando daí as farinhas e a fécula. Até chegar a esse estágio, a mandioca produz resíduos ou subprodutos destinados ao consumo animal.

A organização empresarial do setor é incomum, pois o processo de transformação é desenvolvido, normalmente, pelas famílias rurais com baixo volume de produção e produtividade e o trabalho empregado é do tipo artesanal e completado com equipamentos rudimentares, sem uso de nenhuma tecnologia. Esse modelo de produção não gera excedente comercial.

Segundo a Embrapa (2000), dentro da cadeia produtiva da mandioca o que se destaca é a produção de farinha, que é feita em pequenas unidades industriais artesanais, funcionando em associações do tipo casa de farinha comunitária ou individual. Entretanto, existem unidades industriais de médio e grande porte que produzem entre 100 a 300 sacas por dia, sendo a maior parte do processamento e distribuição feita pelo mesmo agente. Normalmente, a farinha é comercializada por varejistas, que adquirem o produto em sacas de 50 kg e fracionada em diversos pesos.

Dentro da cadeia produtiva da mandioca se instala o esquema da intermediação, que prevalece na estrutura de comercialização em todo território nacional. Esse esquema é feito por feirantes ou comerciantes formais ou informais, que estão instalados nos centros urbanos ou nas zonas rurais. A fécula tem, também, um destaque no modo da comercialização, que é feito diretamente entre o produtor e a indústria que a utiliza como insumo em diversos processos. Ela é embalada em sacos de 25 kg e, em alguns pontos de venda, é fracionada e comercializada.

Os consumidores da cadeia produtiva da mandioca obedecem aos padrões do nível renda, hábitos, substitutibilidade, etc. que têm influenciado o comportamento da demanda, principalmente, nas feiras-livres, local em que funciona um mercado de competição perfeita.

Nesse mercado existe pouca informação, o que termina facilitando as ações dos intermediários para formação dos preços tanto da matéria-prima, quanto dos produtos finais. Não há barreiras à entrada ou saída no setor mandioqueiro, porque os investimentos são baixos por causa da simplicidade do processamento e não há nenhuma relação entre o volume e a variedade da produção.

A relação preço-oferta é um forte indicador do setor. Qualquer melhoria no índice de preço afeta diretamente o desempenho da produção de raízes, sendo este um elemento incentivador da produção. Assim, se o preço das raízes por qualquer motivo se elevar em um período, no seguinte é provável que tenha um excedente de produção.

Normalmente, a cadeia produtiva da mandioca é desorganizada, afetando diretamente o mercado de insumos e de produtos derivados da atividade mandioqueira. Verifica-se, também, que essa desorganização é estimulada pela falta de integração entre os mercados de matérias-primas das regiões produtoras do país.

Quando há um desequilíbrio na produção de raízes no Nordeste, certamente, influenciará os outros mercados elevando o preço e servindo como incentivo para a expansão da produção e comercialização de produtos finais. Outros fatores, como a venda de raízes ou de farinha, sem ganho de escala (subsistência), termina ajudando interferir no preço dos insumos e bens finais, não deixando de levar em consideração também os preços e as safras dos outros produtos agrícolas e substitutos próximos dos derivados da mandioca.

Mesmo com as dificuldades existentes para funcionar a cadeia produtiva da mandioca, as mudanças nos padrões de renda e de consumo da economia periférica mundial têm contribuído para se intensificar o uso da mandioca no cardápio humano. Por outro lado, a indústria tem contribuído, de forma

marcante, para aumentar a demanda por insumo do setor em nível mundial.

3 ASPECTOS DO ESTUDO DA CADEIA PRODUTIVA DA MANDIOCA EM FEIRA DE SANTANA

O município de Feira de Santana tem uma área de 1.344 km² e uma população estimada em 480.949 habitantes, sendo que 49.219 habitam a zona rural e 431.730 a zona urbana, com uma taxa vegetativa de crescimento de 1,98% a.a. Observa-se que o município representa o segundo maior aglomerado urbano do estado da Bahia. A urbanização intensiva da cidade de Feira de Santana deu-se a partir dos anos 1970, época em que, concomitantemente, se expandia a política industrial do Estado rumo ao interior. Nesse caso, Feira de Santana e outras regiões foram inseridas em programas desenvolvimentistas, acalentando a possibilidade de ser um polo de transformação industrial.

Constatada a real perspectiva dessa década e a seguinte, em linhas gerais, surgiu para o município uma grande expansão populacional, com um crescimento médio em torno de 2,7 vezes nos últimos 30 anos. Esse fenômeno de expansão demográfica desencadeou grandes constrangimentos provocados pelas pressões de demanda por moradias e infraestrutura urbana. Leva-se em conta que mais de 60 % da população que chegava ao município provinha de outras regiões do Nordeste do Brasil e do próprio estado da Bahia, buscando alternativas de emprego e melhores condições de vida.

Um percentual de migrantes se desfazia de seus bens e vinha para Feira de Santana, contribuindo, também, com a pressão urbana, os deslocamentos de populações dentro do próprio município, ou seja, dos distritos e povoados em direção à sede, por falta de opções de trabalho e porque a qualidade da terra, seu preço e estrutura fundiária não permitiam a expansão dos minifúndios e da produção rural. Os deslocamentos internos e externos das populações se deram porque em todas as regiões e no interior do município de Feira de Santana e nunca foram desenvolvidas políticas públicas para gerar

oportunidades de trabalho, para que tais deslocamentos fossem menos intensivos. Até hoje esse fato é observado.

A pouca preocupação em reduzir os impactos das demandas sociais para a cidade de Feira de Santana fez com que, nas últimas três décadas, a cidade se expandisse de forma desordenada e fosse afetada por diversos impactos negativos em sua estrutura urbana, surgindo, dessa forma, as habitações subnormais, alto índice de criminalidade, desemprego, analfabetismo e ampliando a precariedade dos serviços de saúde, educação, lazer, etc. Mesmo sendo um município pobre e de pequena dimensão, com solos exauridos, pouco tratado ou reconvertidos, há de se notar que algumas ações podem ser desenvolvidas e mantidas de forma sustentável, como é o caso da produção, transformação e comercialização da mandioca, que apresenta algum potencial de produção na região. Ainda que pesem as restrições de ordem tecnológica e de transformação, a mandioca tem um importante papel na economia de subsistência rural.

Nos últimos 20 anos, essa cultura tem sido desprezada por falta de políticas incrementadoras para o setor. Observa-se que o estado da Bahia, até os anos 1990, estava em primeiro lugar na produção de raízes. No entanto, está desaparecendo do contexto dos grandes produtores, atualmente, produzindo 4,2 milhões de toneladas de raízes, com um rendimento médio de 12,6 toneladas por hectare, sendo esse um baixo índice de produtividade o que coloca o estado em 18º no ranking da produção nacional, conforme dados do IBGE (2000). Ainda vem reduzindo a área cultivada, e a produtividade média caiu de 12,6 ton/há, para 12,3 ton/ha o que equivale a quase a metade da produtividade registrada nos estados de São Paulo, com 21,2 ton/ha e Paraná, com 21,8 ton/ha. Isso se deve aos aspectos climáticos, métodos de produção, características de subsistência, uso incipiente de tecnologia, capacidade técnica dos produtores, tratamento e fertilidade dos solos, nos quais são instaladas as culturas e, finalmente, os preços praticados no mercado.

A desorganização do cultivo e produção da mandioca também acontece em Feira de Santana. Este município é um

dos maiores produtores do Estado e, atualmente, se encontra relegado ao segundo plano pelos próprios produtores, com uma média de 10,7 ton/ha que, segundo o IBGE (2000), produziu 37 mil toneladas de raízes, participando com 1,04% da produção estadual. Isto é por causa da pouca importância dada ao cultivo da mandioca, que ainda é feito em terrenos impróprios e é plantada por pequenos agricultores descapitalizados e que não dominam nenhuma técnica de manejo e transformação.

O persistente estudo da mandioca por organizações governamentais, como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Universidade do Estado de São Paulo (USP), Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), etc, leva a crer na sua importância para o cenário da vida econômica e social do Brasil, especialmente, quando o assunto diz respeito à cadeia alimentar e suas derivações.

Considerando as limitações que ocorrem no ciclo de produção, transformação e distribuição, a atividade mandioqueira tem sido responsável pela geração e manutenção de milhões de empregos no Brasil. Alguns dados de órgãos governamentais têm apontado que a cultura da mandioca gera entre 60 e 70 empregos diretos e indiretos por hectare plantado. Quando essa informação é comparada com outras culturas, ou mesmo em outros ramos de atividade, o mandioqueiro representa um elemento estratégico na relação trabalho e renda anual. No entanto, quando essa atividade se expande para os setores secundário e terciário da economia, é possível que a ampliação da variável emprego seja multiplicada por 1,3. Deve-se considerar que se a produtividade por hectare se expandisse, por exemplo, para 20 toneladas por hectare, o efeito acelerador do emprego nos dois setores finais da economia cresceria em termos de 1,5, o que melhoraria, mais ainda, os resultados sociais da produção rural.

As principais localidades de cultivo da mandioca em Feira de Santana são nos tabuleiros, com maior destaque para as áreas de plantio situadas nos distritos de Maria Quitéria, Humildes, Jaíba e Tiquaruçu. O cultivo da mandioca em Feira de

Santana também segue em marcha lenta, e o desempenho do setor nessa região é afetado pelas mesmas dificuldades em nível nacional, conforme já mencionado. Mesmo com poucas possibilidades para desenvolver sustentabilidade, a partir dos anos 1990, em algumas regiões do Brasil, têm mudado as relações com a produtividade, tecnologia e com o mercado. Mas, por outro lado, na região de Feira de Santana ainda predomina a idéia da cultura de subsistência com produção familiar e em pequena escala.

Feira de Santana possui um perfil interessante na ocupação do solo rural, porque 71% dos estabelecimentos são de mini proprietários com uma dimensão média de ocupação de 4,4 hectares por família. Cerca de 70% desses estabelecimentos estão localizados na região de tabuleiro, onde predomina o solo arenoso relativamente pobre em matéria orgânica, medianamente profundo. Há indícios, atualmente, de que Feira de Santana importa farinha e os outros derivados da mandioca do Paraná, Santa Catarina, São Paulo e de outras regiões do estado da Bahia. No caso da farinha, esta tem sido de qualidade inferior, mas seu preço final é menor do que a produzida no Estado. Nesse caso, deve-se considerar que a farinha produzida nos estados mencionados é tipicamente um subproduto da mandioca.

4 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA RESPONDIDA PELOS PRODUTORES RURAIS DO DISTRITO DE MARIA QUITÉRIA (RESIDENTES NOS POVOADOS DE LAGOA GRANDE E OLHOS D'ÁGUA DAS MOÇAS)

Considerando a relativa participação da mandioca na atividade econômica do Município de Feira de Santana, que por seu turno tem contribuído para sustentar parcela da renda gerada e o consumo humano e animal em comunidades rurais, é que se buscou compreender através da execução de uma pesquisa primária simples, algumas realidades existentes nas áreas estudadas.

A ferramenta utilizada foi um questionário aplicado diretamente ao produtor rural, sendo respondidas as questões que o mesmo achasse pertinente.

As localidades escolhidas pertencem ao Distrito de Maria Quitéria, delimitado, nesse universo, a inserção de 70 produtos, amostra suficiente e capaz de demonstrar uma boa representatividade, com um erro relativamente tolerável de 5%.

Os dados coletados foram compilados e organizados em um meio computacional da Prefeitura Municipal de Feira de Santana, ficando sob a responsabilidade da Software Data (empresa de consultoria que prestava assistência técnica de informática à prefeitura de Feira de Santana. Na ocasião deste trabalho, ela desenvolveu um programa para computar os dados), para que pudesse gerar os relatórios que deram origem à análise descrita a seguir.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, ficou evidenciada a pequena ou quase nenhuma importância econômica e social dada ao cultivo da mandioca pelos produtores, que na maioria dos casos pesquisados, mais de 90% tem a atividade da mandioca como uma opção sem grandes finalidades e não acham importante, tanto assim que, quando cultivada em qualquer propriedade, a atividade é feita nas piores glebas da terra ou em áreas periféricas da propriedade rural.

Os produtores se mostraram resistentes em mudar os hábitos de cultivar a mandioca e não encaram que essa atividade gere algum resultado econômico. No entanto, a maioria deles, ou seja, mais de 80% não deixam de “plantar” a lavoura da mandioca, pois, ela serve “para tudo”, principalmente nas estiagens que são comuns nessa região.

A pesquisa envolveu 70 produtores rurais dos povoados de Lagoa Grande e Olhos D’água das Moças, conforme foi explicitado. Esta amostra tem uma boa representatividade e só levou em conta aqueles que se encontravam cultivando a mandioca. A aplicação dos questionários foi feita em maio/2004 e as interpretações serão descritas a seguir.

A primeira questão trata do domínio da terra e o seu vínculo legal. Assim, 85,7% dos respondentes afirmam que são proprietários das terras exploradas, 8,6% são meeiros, 3,4%

não têm vínculo definido, porque basicamente são empregados (caseiros) e 1,4% são arrendatários. Nessas propriedades, principalmente, aquelas que existem a posse da terra, 97,1% têm energia elétrica, em contrapartida a apenas 2,9% que não possuem. Mas, desse total pesquisado, 98,5% disseram que usam a energia para fins domésticos e apenas 1,5% consociam com a transformação.

Embora se trate de um processo cultural, a exploração econômica de pequenas propriedades no Nordeste é incomum, sendo observável a inconsistente atividade produtiva da pequena propriedade, o que não dinamiza a atividade empreendedora e leva o produtor rural a manter uma pequena propriedade improdutiva ou um processo de exploração de subsistência.

Quanto à água, dentre as propriedades pesquisadas, 45,7% possuem água encanada e 54,3% não tem. A água se destina, basicamente, ao consumo doméstico. Entretanto, do total das propriedades que não têm água encanada, 2,9% usam água de tanque, 1,4% de poços artesianos e 50,0% de cisternas. Logo, observa-se que essa água não é tratada e não é suficiente para desenvolver nenhuma atividade de valor econômico sustentável. Quanto ao consumo de água nas propriedades pesquisadas, encontrou-se uma média mensal por volta de 6,2m³ por família, o que justifica a sua baixa utilização como insumo rural.

Com respeito à produção da mandioca, 80,0% dos respondentes declaram que ela é destinada ao consumo doméstico e 20,0% dão outro emprego. Quanto à venda, 41,4% asseguram que vendem e 58,6% não. Todavia, 27,1% destinam parte da produção ao consumo animal e 72,9% dão outro destino.

No quesito que diz respeito à quantidade atual de produtos produzidos enfrenta as limitações quantitativas apresentadas pelos respondentes. Parte deles disse que em um ano produziu 35 toneladas de farinha, 2,3 toneladas de beiju, 0,95 toneladas de puba e 0,056 toneladas de carimã. Apesar das restrições existentes para produção de derivados da mandioca, associadas à falta de informações na área pesquisada, percebe-se que a industrialização da mandioca tem uma importância estratégica, verificando-se, desse modo, que apesar do baixo valor

agregado, a atividade tem um valor social inconfundível para o setor rural.

Por outro lado, 77,0% dos produtores disseram que aproveitam as sobras oriundas da industrialização da mandioca, enquanto 23,0% não utilizam as sobras. Observou-se que, mesmo sendo uma maioria que aproveita as sobras ou subprodutos, a sua utilização é inadequada, o que gera desperdício em mais de 30,0%. Os subprodutos segundo os pesquisados, 73,0% informaram que se destinam a complementar a ração animal, 13,0% vendem para terceiros e 14,0% desidratam e armazenam para posterior consumo animal.

Os entrevistados, quando foram questionados sobre assistência técnica, 12,9% deles, responderam que já receberam algum tipo de assistência, sendo que 25,0% dessa assistência foi dada pela Embrapa, 2,9% pela Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S/A-EBDA e 1,4% pelo sindicato dos trabalhadores rurais, não sendo mencionadas outras instituições. Então, 87,1% afirmaram que não receberam assistência técnica alguma. Os respondentes informaram que a atividade de exploração da mandioca nessa região não possui, relativamente, um vínculo mais efetivo com os órgãos de apoio ao produtor rural. Isso vem confirmar a baixa produtividade auferida por hectare plantado e o desestímulo enfrentado pela atividade.

Seguindo esta lógica de evidências, os produtores disseram que 72,9% fazem o preparo do solo e as capinas manualmente e usam fila simples, enquanto que 1,40% usam arado de tração animal e 25,7% usam trator para arar e gradear. Os respondentes também foram questionados quanto ao custo para cultivar 0,4 hectare de mandioca. Assim, 22,9% disseram ter noção de valor e 77,1% informaram que desconhecem quanto custa tal empreitada. A falta de conhecimento sobre os gastos para o cultivo da mandioca mostra que os produtores rurais envolvidos não dão importância quanto aos resultados dessa atividade, levando a crer que não se preocupam com os indicadores de relação entre custo/lucro. Portanto, essa atividade é desenvolvida em função das condições do mercado (flutuações), o que empurra o setor mais para a informalidade e bastante distante de uma forma de exploração organizada.

Segundo os respondentes, a lavoura da mandioca é a que mais usa mão-de-obra e o resultado da pesquisa aponta para o emprego em média de 04 pessoas por 0,4 hectares no plantio, 03 pessoas em média na limpa e 04 pessoas durante o período da colheita. Certamente que essas pessoas que estão envolvidas com a lavoura não são trabalhadores fixos e em grande parte são membros de uma mesma família.

De acordo com as respostas dos entrevistados, em média 04 pessoas da família estão envolvidas nas diversas etapas de produção da mandioca. Isso quer dizer que essa atividade usa mão-de-obra intensiva e é responsável por uma parcela do trabalho remunerado na zona rural. De acordo com os dados da pesquisa, dos produtores de mandioca, 44,3% informaram que têm casa de farinha e 55,7% usam casa de farinha de terceiros para beneficiamento das raízes.

Foi observado, nas visitas feitas nas propriedades ou nos terrenos onde se abriga o plantio da mandioca, que as atividades que vão desde o plantio até o beneficiamento são muito rudimentares. Isso gera desperdícios e perda de tempo, agravando mais ainda o preço final dos produtos.

CONCLUSÃO

As informações apresentadas neste trabalho buscaram mostrar as características primárias da cadeia produtiva da mandioca cultivada em uma região de Feira de Santana, ou seja, no Distrito de Maria Quitéria, mas especificamente nos povoados de Lagoa Grande e Olhos D'água das Moças.

Existem muitos trabalhos que têm buscado justificar a importância da cultura da mandioca para a sustentabilidade regional, cada um com suas especificidades, sempre observando que a atividade mandioqueira é uma saída inconfundível para melhorar a qualidade de vida do produtor rural.

No que tange às informações contidas neste trabalho, elas são tanto de pesquisas já publicadas, quanto de fontes diretas, que mostram as ideias e concepções que os produtores rurais têm da atividade mandioqueira.

Uma questão importante mostrada neste trabalho é a de que os produtores rurais pesquisados não estão conscientes da importância da mandioca para suas atividades agrícolas, por isso a atuação das áreas escolhidas para o cultivo são as piores, o que implica na baixa produtividade. Além disso, dentre os entrevistados, nenhum deles tem noção de organização da produção e dos custos que a envolvem e colocam este tipo de cultura em segundo plano.

Conclui-se que, em muitos casos, a atividade mandioqueira está em decadência e aqueles que ainda produzem usam procedimentos rudimentares e não estão preocupados em melhorar a produtividade de suas plantações. Apesar da mandioca ser estratégia para a vida do produtor rural, este não tem condições de dar a devida importância para este tipo de cultura. Contudo, em nenhum caso pesquisado foi observada à disposição do produtor para ampliar a produção ou melhorar suas técnicas não só de manejo, como de transformação.

ASPECTS OF THE PRODUCTIVE CHAIN OF CASSAVA IN FEIRA DE SANTANA IN THE DISTRICT OF MARIA QUITÉRIA (VILLAGES OF LAGOA GRANDE AND OLHOS D'ÁGUA DAS MOÇAS)

ABSTRACT — *This article discusses the circumstances in which the productive chain of cassava is developed mainly in the town of Feira de Santana, Bahia, in the district of Maria Quitéria. Based on a research, one searches to disclose traces that characterize how the agricultural producer perceives the culture of cassava: for the consumption and/or its commercialization and it is also showed how the sectorial disorganization generates poor productivity. Aspects of the productive chain of cassava, the characterization of cassava market in Feira de Santana. Later, the data of the research have been analyzed; so, some of the items of information pointed out in this study has aimed to prove the importance of the culture of cassava for supporting agricultural populations by improving the quality of life of its producer.*

KEY WORDS: *Productive chain of cassava. Agricultural producer. Sectorial disorganization.*

REFERÊNCIAS

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Boletim Informativo**. Brasília DF, ANO 3, n. 45, 2002.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA. **Mandioca e fruticultura**. Cruz das Almas (BA), 2000.

ESTUDO CEPEA-SEBRAE, SÃO PAULO. **Melhoria da competitividade da cadeia Agroindustrial da mandioca no Estado de São Paulo**. São Paulo, 2001.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZACION-FAO. **Aspectos alimentares nos trópicos - Alternativas e dificuldades**: Análises estruturais, 2000.

FUKUDA, W.M.G et al. **Pesquisa participativa em melhoramento de mandioca com agricultores do Nordeste do Brasil**. Cruz das Almas (BA): CNPMF, 2001, 48p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Sistema IBGE**: banco de dados agregados. Brasília, DF, 2000.

INDICADORES DA AGROPECUARIA. Brasília, DF: CONAB, v.9,n. 10, out. 2000.

MATTOS, P.L.P de et al. **O cultivo da mandioca. Embrapa - Mandioca e Fruticultura**. Cruz das Almas (BA), 2000.

TORRES FILHO, Pedro. **A cultura da mandioca na Bahia**: aspectos econômicos e agroindustriais. Instituto de Cooperação Belgo-Brasileiro para o Desenvolvimento Social. Inhambupe (BA), 2002.

Recebido em: 05/11/2009

Aprovado em: 04/03/2010